

LIVRO

# Mão de ferro, luva de veludo

↳ Elyσιο de Moura foi o primeiro médico português a descrever casos de doentes anorécticos, que sofriam do que então chamou «anorexia mental». ↳ Sessenta anos depois, a sua «lição» permanece tão lúcida e actual que foi editada em livro, com prefácio de Dulce Bouça.

TEXTO **Sofia Barrocas**

# F

ELYSIO de Moura, além de primeiro bastonário da Ordem dos Médicos, foi o primeiro clínico português a descrever casos de anorexia nervosa em Portugal, recolhidos numa lição que intitulou *Anorexia Mental*. Dulce Bouça, presidente do Núcleo das Doenças do Comportamento Alimentar, realça no prefácio à reedição do livro a actualidade das palavras escritas pelo médico há 58 anos. Para esta especialista, a principal questão posta por Elyσιο de Moura — «Que deve entender-se por anorexia mental?» — mantém-se «pertinente nos dias de hoje, quando um doente se apresenta ao médico num visível estado de desnutrição, não pedindo de livre iniciativa cura para a sua situação». De acordo com Dulce Bouça, «a lição proferida há sessenta anos pode ser decalçada para a prática clínica dos nossos dias». Para a médica, «está tudo lá»: a discussão actual da ambiguidade do conceito — «insisto neste ponto: uma das características habituais da chamada anorexia mental é a falta... da falta de apetite», diz Elyσιο de Moura no seu livro; a exaustiva discussão do diagnóstico diferencial —

«no exercício da clínica psiquiátrica, quotidianamente se nos deparam doentes que diminuem e abolem a alimentação em consequência do seu estado de morbidez mental, e não merecem ser capitulados de anorécticos mentais»; a descrição pormenorizada do doente que se apresenta ao médico quase sempre por imposição da família — «mostra-se enleado e contrafeito, ou agastado, quando se estranha a sua pertinácia na recusa dos alimentos, mesmo os mais apetecíveis e pelos quais manifestara anteriormente a mais rasgada

preferência, ou então invoca com enfado e a mais duvidosa sinceridade a falta de apetite ou os incómodos sentidos depois da introdução de alimentos no estômago». Dulce Bouça realça ainda o tratamento preconizado por Elyσιο de Moura que, no entender desta médica, «se reveste da maior actualidade na relação com o doente e a família». E se Elyσιο de Moura dizia em 1944 «ainda se morre de anorexia mental», o mesmo continua a dizer-se em 2005. «Apenas podemos acrescentar às observações de Elyσιο de Moura que hoje já vimos a doença em duas ou três gerações da mesma família, o que confirma os avanços ainda ténues da investigação genética nesta área.» E partilha com o primeiro bastonário da Ordem dos Médicos a gratificação pelo trabalho clínico difícil, mas compensador: «Sei bem por uma dilatada experiência quanto é alegrador para o clínico fazer renascer numa doente — a definir-se, despreocupadamente, a olhos vistos — o gosto salutar de viver.»

É curioso verificar como em meados do século passado, em que a televisão e os outros *mídia* não tinham a influência de hoje nos comportamentos das pessoas, já Elyσιο de Moura afirmava: «É incalculável o número de raparigas e de mulheres adultas que nos tempos actuais se horrorizam com os efeitos inestéticos ocasionados por uma alteração das funções adipo-reguladoras. Nas anorécticas mentais, porém, a excreção da adipose descarna-as, deixa-as com a pele sobre os ossos, como que mumificadas, e dá-lhes a morte por consumpção, quando não sucumbem a uma doença infecciosa intercorrente, cujo prognóstico foi engravado pelo definhamento». Elyσιο de Moura não tinha dúvidas de que «o anoréctico mental se empenha astuciosamente, habilidosíssimamente, em dissimular a sua escassez alimentar e, ainda para mais, não raramente vomita em segredo. Os anorécticos mentais escondem-se ou inventam pretextos de toda a espécie e recorrem a todos os subterfúgios imagináveis para que os deixem sem comer. A anoréctica mental persevera na repulsa da alimentação e deixa-se descarnar completamente, caquetizar e morrer...».

Na parte relativa ao tratamento, Elyσιο de Moura avisa que «o doente enganada má fé a família; a família enganada enganada de boa fé o clínico; o clínico, se estiver afeito às meninças dos anorécticos mentais, não se deixa enganar». O médico aconselhava com primeira medida terapêutica o isolamento da pessoa com anorexia por-familiar, o clínico ou anoréctico mental do seio familiar, o clínico, meigo e enérgico, afável e intransigente — mão de ferro, luva de veludo —, demonstrar-lhe-á que não será cúmplice na ruína da sua saúde e na perda da sua vida».